



CRIANÇAS COM *BACKGROUND* MIGRATÓRIO NOS SERVIÇOS EDUCATIVOS PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA NA ITÁLIA¹

Bambine e bambini con background migratorio nei servizi educativi in Italia
Children with Migratory Background in Italian ECEC Services

Clara Maria **SILVA**
Dipartimento Formazione, Lingue,
Intercultura, Letterature, Psicologia
Università di Firenze, Firenze, Itália
clara.silva@unifi.it
<https://orcid.org/0000-0003-4212-5648>

Tradução Ana Maria Orlandina **TANCREDI CARVALHO**
Instituto de Ciências da Educação
Universidade Federal do Pará
Belém, Brasil
anatanc@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7281-4722>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

O artigo versa a respeito do tema da educação intercultural em relação à presença de meninas e meninos de 0 a 6 anos com *background* migratório nos serviços educativos para a pequena infância na Itália que inclui também as creches. Tal presença colocou os/as educadores/as e os/as coordenadores /as pedagógicos/as a enfrentar as exigências de repensar as práticas educativas e de participação dos pais, com a finalidade de reconhecer e valorizar a especificidade da qual é portadora a nova clientela. À luz de pesquisas conduzidas nos últimos anos na Itália e na Europa, são expostos os principais nós teóricos que estão na base da educação intercultural e apresentadas algumas experiências educativas realizadas na Toscana, voltadas para promover a relação entre as diversidades por meio da leitura dos álbuns ilustrados.

PALAVRAS-CHAVE: Intercultural. Crianças Meninas e Meninos. Imigração. Práticas educativas.

RIASSUNTO

L'articolo verte sul tema dell'educazione interculturale in relazione alla presenza delle bambine e dei bambini con background migratorio nei servizi educativi per l'infanzia in Italia. Una presenza che ha posto gli educatori e i coordinatori pedagogici di fronte all'esigenza di ripensare le pratiche educative e di partecipazione dei genitori al fine di riconoscere e valorizzare le specificità di cui è portatrice la nuova utenza. Alla luce di ricerche condotte negli ultimi anni in Italia e in Europa sono illustrati i principali nodi teorici alla base dell'educazione interculturale e presentate alcune esperienze educative realizzate in Toscana, volte a promuovere la relazione tra le diversità attraverso la lettura degli albi illustrati.

PAROLE CHIAVE: Intercultura. Bambine/i. Immigrazione. Pratiche educative.

¹ Revisão Técnica: Ana Lúcia Goulart de Faria: Doutora em Educação pela USP e Pós-doutora pela Università di Milano Bicocca. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp/SP/Brasil. E-mail: cripeq@unicamp.br.

ABSTRACT

The article focuses on the topic of intercultural education in relation to the presence of children with migratory background in Italian ECEC services. A presence that has placed educators and pedagogical coordinators in front of the need to rethink the educational and parents' participation practices in order to recognize and enhance the specific features of the new users. In light of researches conducted in recent years in Italy and Europe, the main theoretical issues underlying intercultural education are illustrated and some educational experiences carried out in Tuscany are presented, aimed at promoting the relationship between diversities by reading the illustrated books.

KEYWORDS: Interculture. Children boys and girls. Immigration. Educational practices.

INTRODUÇÃO

A Itália, como muitos outros países europeus, deparou-se a partir da segunda metade dos anos sessenta do século vinte, enquanto ainda era um país de emigração, com um número sempre crescente de migrantes provenientes das mais variadas partes do mundo. Um fenômeno que nas décadas sucessivas perde o caráter de temporalidade e de provisoriedade que havia sido caracterizado nos anos anteriores, e assume conotações de uma realidade social estrutural e estável (SILVA, 2005a; ZANFRINI, 2016; COLUCCI; 2018).

Tal fato resultou na formação de núcleos familiares compostos de casais de imigrados e de casais mistos, formados de *partner* imigrados ou de um imigrado e de um autóctone. Além disso, o fato de o imigrante ter se radicalizado no território trouxe um crescente aumento na presença dos seus filhos – nascidos na Itália ou chegados lá para se juntarem aos seus pais/mães – nos serviços educativos para a pequena infância que inclui também as creches (FAVARO, 2019; TOGNETTI BORDOGNA, 2005; SILVA, 2005b; 2005c). Da exigência de compreender esta nova realidade social e educacional e com a finalidade de oferecer respostas específicas às necessidades de meninas e meninos e de tornar os pais/mães partícipes da vida escolar e dos serviços educativos para a pequena infância, foram realizadas pesquisas e colocadas em prática ações que aos poucos vêm sendo denominadas *pedagogia intercultural* ou *educação intercultural* (PINTO MINERVA, 2002; SILVA, 2005a; CAMBI, 2006; POTERA, 2013; NIGRIS, 2015).

A intercultura, no contexto italiano, surgiu há muito tempo, como um conceito capaz de abarcar a dimensão de relação, troca e reciprocidade com a existência de uma diferença que intercorra entre a identidade coletiva histórico-social e os indivíduos referidos (MPI, 2001). Associada à noção de educação, exprime a exigência de ativar uma relação pedagogicamente orientada, voltada a favorecer a relação entre as diversidades étnico-raciais que habitam a sociedade. Assim, a educação intercultural é entendida como comprometimento teórico-prático, destinado a

promover formas de convivência na diversidade, fazendo do estar juntos uns ao lado dos outros uma ocasião de enriquecimento recíproco. Tal fato corresponde à superação de uma visão fechada e unívoca de relações entre as culturas e o encaminhamento de um modelo de relação com a alteridade (com o outro), baseada na positividade do encontro e da troca recíproca (CAMBI, 2001; SILVA, 2004; SILVA; CASELLI, 2017).

Esclarecer o significado de intercultura significa também diferenciá-la do significado de *multicultura*. Com esta última noção faz-se referência a uma realidade de fato, ou a sua descrição objetiva, da coexistência, num mesmo território, de grupos humanos diversos quanto às suas origens étnico-culturais e às vezes também pelas suas características linguísticas e/ou religiosas. Em geral, o termo descreve uma situação estática do fenômeno social, enquanto aquele da intercultura exprime uma abordagem dinâmica e intencional às interações entre indivíduos e grupos (PINTO MINERVA, 2002).

As relações interculturais constituem hoje uma prioridade educativa não somente italiana e nem mesmo exclusivamente europeia, mas mundial, e que não diz respeito somente ao âmbito da escola e dos serviços educativos para a primeira infância, mas da sociedade em seu conjunto. O âmbito pedagógico da intercultura promove a pesquisa e elabora modelos educativos postos como referências para a interação e a recíproca troca entre grupos que habitam as sociedades, operando de modo que a *multicultura* se incline a uma convivência pacífica, e as diferenças culturais não degenerem em conflitos, combatendo as assimetrias socioeconômicas, a disparidade de direitos e de oportunidades. Deste ângulo, a abordagem educativa intercultural coloca-se também como instrumento de prevenção em relação aos conflitos e à marginalização social (GAMBA, 2018).

No contexto educativo para a primeira infância, a educação intercultural é entendida como um modo de educar voltado para colocar em destaque aquilo que une as crianças, sem descuidar do quanto faz cada uma diferente da outra e solicita relações produtivas entre eles (FAVARO, 2013; DANIEL *et al.*, 2018). Dois são os princípios que orientam as práticas educativas para a faixa etária de 0-6 anos: aquele do *compartilhamento/comunhão de bens* e o da *diversidade*. Este último pode ser entendido não somente como diversidade étnica, cultural ou religiosa, mas também como especificidade individual. O *compartilhamento/comunhão de bens*, pelo contrário, é concebido como um princípio que, não obstante as diferenças subjetivas ou dos grupos, permite viver juntos harmoniosamente, respeitando as diferenças

(SILVA, 2011a). Dentre os serviços educativos para a pequena infância, esta abordagem hoje é promovida também a partir do reconhecimento das emoções e dos sentimentos, como dimensão fundamental do viver, que une todas as crianças (SILVA; CIUCCI, 2020), e por meio de realização de práticas educativas, como aquelas realizadas na Toscana, cujo livro ilustrado é usado como cenário integrador para educar para a intercultura.

OS FILHOS DOS IMIGRADOS: um segmento de uma multiplicidade de faces

Os filhos dos imigrantes que frequentam os serviços educativos italianos para a primeira infância formam um segmento da infância com múltiplas faces. Boa parte deles nasceu na Itália, e, portanto, não são imigrantes; outros, ao contrário, se juntaram à família no território nacional, seguindo a família ou por meio de percursos de reunificação familiar. Há também os filhos de casais mistos, as crianças não acompanhadas, aqueles adotados, os filhos daqueles que pedem asilo, os refugiados ou os sobreviventes de guerra. Uma heterogeneidade de vivências e histórias familiares que torna imprecisas e inadequadas as definições e as expressões frequentemente usadas para se referir a eles como *crianças estrangeiras/crianças imigradas de segunda geração* etc. (FAVARO, 2019). Nós preferimos chamá-las "crianças com *background* migratório" ou "crianças das imigrações". Expressões que entendemos que não ocultam a sua especificidade, e evitam incorrer num excessivo destaque à sua origem 'estrangeira'. A variedade das suas situações e experiências remete a uma ideia de mosaico, cujos tecidos são formados por histórias e biografias muito diferentes, mas todas têm em comum algum traço principal. Antes de tudo, a necessidade de construir uma identidade lapidada e um sentido de pertencimento plural, para que cada menino e cada menina possam harmonizar, na representação de si que vão construindo, as multiplicidades de histórias, conhecimentos e competência que caracterizam a sua vivência e sua história familiar. Vivências e histórias muitas vezes marcadas pela solidão, pela marginalização social e pela dificuldade de inserção dos pais/mães (SILVA, 2006; PRISCO, 2018; BOVE; SHARMAHD, 2020).

As crianças com *background* migratório, ainda que não tenham vivenciado diretamente a experiência da migração, precisam enfrentar o desafio da conciliação de dois mundos culturais diversos; aquele da família de origem e o da sociedade de inserção (FAVARO; MANTOVANI; MUSATTI, 2006). Se esses mundos não forem suportados adequadamente desde a primeira infância, poderão encontrar-se durante

o seu crescimento, em particular na idade da adolescência, diante de impulsos antagônicos: de um lado, se fechar nas tradições da família de origem e, de outro, em direção à assimilação e à homologação aos modelos dominantes na sociedade (QUEIROLO PALMAS, 2006).

A infância das crianças imigradas é infelizmente marcada também por um olhar ambíguo dos/as adultos/as a respeito delas, incluindo também os/as que as educam e cuidam delas, um olhar marcado pelo espanto e pelo interesse (um olhar atônito), mas, frequentemente, repleto de preconceitos e estereótipos que inconscientemente se escondem atrás dos mesmos conceitos usados para defini-las. Um olhar alimentado pela ideia monolítica da identidade, que sente a necessidade de levantar barreiras para marcar a distinção entre italianos por descendência e italianos com *background* migratório (DALLA ZUANNA; FARINA; STROZZA, 2009). Há crianças que mesmo tendo a cidadania italiana sofrem discriminações, muitas vezes igualmente graves, por causa da sua origem ou da cor da pele. São tantas crianças adotadas, filhos/as de casais mistos ou de pais imigrados naturalizados percebidos como estrangeiros por causa de suas características fisionômicas ou pelo seu pertencimento a uma cultura minoritária.

Este último é o caso de Ron e Sinti, descendentes de famílias de antigo assentamento na Itália, isolados, obrigados a viver perenemente nos chamados "campi Rom", mesmo sendo juridicamente cidadãos italianos (FIORUCCI, 2017). As etiquetas usadas para se referir a determinados grupos étnicos amplificadas pela mídia podem facilmente cair em verdadeiros e próprios estereótipos, alimentando a construção social de uma imagem redutiva e, portanto, negativa dos seus grupos de pertencimento.

IGUAIS E DIVERSOS

As crianças são todas iguais e ao mesmo tempo diversas; iguais enquanto seres humanos e detentoras dos mesmos direitos; diferentes no sentido de que nenhuma delas é igual a outra. O fato de que cada pessoa seja única e irrepetível constitui uma referência imprescindível para quem se ocupa do crescimento e da educação. Portanto, cada cuidador/a, para poder desenvolver de modo adequado a própria profissão, tem que necessariamente considerar as singulares especificidades das crianças que estão à sua frente. Uma especificidade que nas crianças pequeninhas é ainda mais evidente, porque além das características individuais, manifestam-se de modo ainda mais nítido aquelas ligadas ao ritmo de desenvolvimento. Assim, não se

pode enfrentar o tema da diversidade na creche sem considerar a diversidade interna do grupo ou da turma. A questão da diversidade e da unicidade que cada criança exprime deve ser considerada uma questão educativa decisiva (VANDENBROECK, 2018).

O trabalho dos/as educadores/as seria facilitado se ao defini-lo eles/elas considerassem a competência e a percepção das crianças em relação à diversidade. As crianças, incluídas aquelas pequenininhas que frequentam a creche, contrariamente ao senso comum, percebem a diferença, inclusive aquelas fisionômicas (cor da pele, tipo de cabelo, etc), ainda se, felizmente, diferentemente do adulto, não acompanham tal percepção uma avaliação negativa ou depreciativa, como se pode notar pelas entrevistas conduzidas em uma das primeiras pesquisas realizadas na Itália referentes à temática: "As crianças [da turma] dos lactantes sobre o trocador a tocavam muitíssimo [uma criança de Gana], [...] já com cinco meses, mais do quanto se tocavam entre eles"; "As crianças notam a diferença de cor. Sabe, frases clássicas, "comeu chocolate, comeu muito chocolate e ficou preta". Ou ainda, crianças que tocam e depois metem a mão na boca" (PALLOTTI, 1996, p. 222-223). Outras pesquisas conduzidas sobretudo nos países de língua inglesa ressaltaram que, mesmo quando não falam ou não possam ser capazes de se expressar de modo articulado, as suas percepções dão conta de que uma delas tem uma cor de pele mais escura ou os cabelos de um tipo diverso. Tal constatação emerge, frequentemente, quando, em frente à imagem desenhada ou fotografada de uma criança "diferente", fazem uma associação com o/a companheiro/a que se parece com ele/ela –, mas este elemento em geral não interfere na dinâmica do grupo; ao contrário, interferem fatores de caráter ou outros fatores. (PAUKER; WILLAMS; STEELE, 2016).

A percepção por parte das crianças da diferença étnica como característica relevante, com o objetivo de identificação ou da descrição do outro é solicitada pelo/a adulto/a quando este/a, sem refletir acerca da implicação das próprias palavras ou dos próprios gestos, coloca a atenção delas nas características fisionômicas que distinguem as crianças de origem não autóctone da dos autóctones. Em outras palavras, comportam-se como educadores/educadoras que, ao efetuar a troca de fralda ou em outras circunstâncias, usam expressões carinhosas como "mas como és bela, escurinha", ou "viste que belo negrinho que é ele, quanto és branco tu", e assim por diante.

O processo de construção de uma semelhante atenção para a diferença étnica é reforçado pelo uso de material (livros, imagens, desenhos animados) que,

reproduzindo uma realidade social multiétnica muito esquemática, se presta ao isolamento das diferenças e para a sua contraposição. A propósito, é interessante notar o que declara uma educadora entrevistada no âmbito de uma pesquisa conduzida na região de Toscana:

as crianças nunca manifestaram grande atenção ao fato da diferença da cor da pele durante a troca. Aconteceu ao invés no momento da leitura de estórias, por exemplo, quando liam o livro de Pik Badaluk, para o qual algumas crianças destacaram que Pik tinha a mesma cor do colega...Ou ainda no momento do jogo simbólico pegaram a boneca de pele escura, que "É como ele..." (SILVA, 2011b).

Em relação ao juízo negativo atribuído à diferença, muitos concordam que se trata de uma ideia transmitida à criança pelo/a adulto/a, porque a percepção da diferença de algumas crianças não implica em geral uma curiosidade diversa daquela que acompanha a percepção de outras diferenças ou outras comparações. Portanto, quando se encontra em uma recusa da diversidade por parte de uma criança que frequenta a creche ou a pré-escola, tal comportamento parece encontrar as suas raízes em uma influência da família, que transmitiu ao/à filho/a, ainda pequenino/a, desconfiança, aberta hostilidade em direção a quem é diferente fisicamente. Com efeito, na relação com o/a companheiro/a diferente de si e no julgamento a respeito dele/a, as crianças tendem a evidenciar não tanto as características somáticas quanto outras, como a simpatia e a afetividade. (BEM JELOUN, 1997). A atribuição de um significado negativo para a diversidade por parte das crianças é, portanto, fruto da influência do/a adulto/a. Por isso, a importância que educadores/as, pais/mães e professores/as, assim como outras figuras que cuidam das crianças, devem dar à linguagem e aos comportamentos relativos à diferença, se querem que elas formem uma representação do/a outro/a sem preconceitos, e aprendam a se relacionar de modo positivo com a diversidade. Esta atenção é de fundamental importância na primeira e na segunda infância, isto é, na idade em que os/as pequenos/as iniciam a construção de uma imagem de si mesmos/as e dos/as outros/as e a fazer perguntas da realidade que os/as circunda (SILVA, 2018).

A LEITURA COMO PRÁTICA EDUCATIVA INTERCULTURAL

Os serviços educativos para a pequena infância encontram-se em uma posição de encruzilhada estratégica em relação ao desafio intercultural, uma vez que são em muitos casos os primeiros espaços sociais nos quais pessoas imigradas e autóctones

experimentam uma convivência real e cotidiana. E essa é a sua configuração como os primeiros *lugares de relação e de socialização* dos/as imigrados/as e dos/as seus/suas filhos/as no novo contexto: espaços sociais significativos em que crianças, adultos/as autóctones e imigrados/as experimentam modalidades de relação e de convivência na diversidade (GUERRA; LUCIANO; 2014; DE CANALE, 2015).

Desde o primeiro momento, ficou claro, junto à comunidade dos/as pedagogos/as da primeira infância, que a nova realidade foi acolhida como uma ocasião para enriquecer os serviços com propostas educativas voltadas às crianças e aos/as pais/mães e para dar vida a uma cultura da infância em sintonia com as transformações sociais e culturais da sociedade de hoje (FAVARO; MANTOVANI; MUSATTI, 2006). A chegada dos serviços educativos para a pequena infância de crianças e pais/mães com *background* cultural migratório foi, portanto, acolhida como um impulso à renovação dos serviços, subtraindo-os ao risco de se acostumar a um modo habitual do trabalho educativo. Ao longo dos anos, os/as coordenadores/as pedagógicos/as, junto aos/as professores/as dos/as pequenininhos/as e aos/as educadores/as, pediram, e com crescente insistência, maiores competências interculturais que lhes permitissem ir além da emergência e de superar a primeira fase de intervenção, marcada por uma certa improvisação (SILVA, 2019a).

A solicitação avançada dos serviços educativos foi e é em parte ainda hoje aquela de iniciar uma configuração das ações educativas, de cuidados da infância e das relações interculturais com os/as pais/mães, capaz de permitir aos/as educadores/as acionarem um acolhimento inclusivo. Solicitação para responder a uma abordagem educativa transversal a todas as práticas, incluídas aquelas de cuidado, sejam as estruturadas, as livres e as rotineiras (SHARMAH, 2007). De fato, todas as atividades podem ser pensadas na perspectiva educativa intercultural, sempre que educadores/as e coordenadores/as pedagógicos/as possuam conhecimento, competência e sensibilidade interculturais que os guiem na definição das ações, desde a programação, para elaborar conscientemente percursos educativos com e para as crianças, e atividades com e para os/as pais/mães, voltando-se para valorizar as suas especificidades e alimentar a relação entre serviços e famílias (BOLOGNESI *et al*, 2006). Uma linha de intervenção que não foi realizada em qualquer lugar, mas marcou algumas boas práticas nas realidades territoriais mais atentas e com respaldo de uma tradição de fortes investimentos acerca da infância, como na Toscana (SILVA, 2019b).

Uma vertente de boas práticas diz respeito à leitura: trata-se de experiências que permitem aos/às educadores/as em serviço adquirirem conhecimento acerca da função educativa para a intercultural dos livros ilustrados. O livro é, com efeito, um instrumento eficaz para responder às exigências da educação intercultural na creche, dado que, além de estimular na criança o desenvolvimento de muitas capacidades cognitivas, expressivas, estéticas, constrói um válido instrumento para educar o diálogo entre culturas (CATARSI, 2011; FRESCHI, 2013). Mediante a atividade de leitura, a fantasia é solicitada, a criatividade e a curiosidade são estimuladas. Além disso, a leitura em voz alta para as crianças pequenas ajuda a resolver as próprias emoções diante de um evento ou de uma realidade. As crianças imersas nas personagens da história contada são levadas a expor emoções e sentimentos, a nomear, aprendendo a regular a própria emotividade e, em consequência, a ficarem bem consigo e com os outros (ONGINI, 2002).

O livro é também um instrumento de acolhimento, graças ao clima relacional criado pela leitura de uma fábula, e pode ser utilizado pelos/as educadores/as como ocasião para imergir em uma situação acolhedora e prazerosa. As crianças bilíngues, que falam em casa uma língua diferente daquela do serviço educativo para a pequena infância, encontram na escuta da leitura de uma história um estímulo eficaz para exercitar a própria capacidade de ouvir e de concentração, elementos importantes para a competência de aquisição da segunda língua (SILVA, 2019c). Neste caso específico, é necessário escolher textos com frases e palavras que se repetem, de modo a permitir à criança escutar mais vezes as mesmas palavras e os mesmos construtos linguísticos, e assim memorizá-los. Além disso, deve ser dada atenção para a escolha dos livros ilustrados, a fim de que não se veiculem mensagens inapropriadas ao nível intercultural e de gênero (FRANCIS *et al.*, 2018).

Ilustro a seguir uma série de experiências de leitura realizadas entre 2010 e 2015, em alguns municípios da Região da Toscana, no âmbito de um percurso de formação destinado a educadoras e professores/as da Pré-Escola em serviço, acerca do tema da leitura e da continuidade educativa, percurso promovido pelo Centro de Estudo “Bruno Ciari”, de Empoli (SILVA, 20011a). Os livros utilizados a que se referem as experiências foram escolhidos por transmitirem uma mensagem intercultural às crianças muito pequenas.

EXPERIÊNCIAS TOSCANAS DE LEITURA /INTERCULTURA

Amigos diversos... para compartilhar um projeto comum

Foi uma experiência realizada na Creche "Il *Giuggiolo*," no Município de Montelupo Fiorentino (Florença/Itália), e envolveu vinte e oito crianças, cujas idades compreendem de 12 a 36 meses, subdivididas em duas turmas: turma "Ape", composta por nove crianças, dos 12 aos 18 meses; turma "Coccinella", composta por dezenove crianças, de 18 aos 36 meses. Também há as vinte e oito famílias das crianças inscritas, sendo vinte e cinco de origem italiana, duas de outras nacionalidades (uma romena, outra albanesa) e uma família mista (ítalo-romena).

O interesse dos/das educadores/as pelo tema da intercultura foi demonstrado pela presença no serviço educativo de algumas pequenas crianças com *background* cultural migratório e crianças provenientes de várias regiões italianas. Foi feita uma reflexão acerca do fato de que a diversidade em si já está presente em cada um de nós; cada um traz consigo a própria vivência, a própria história, a própria especificidade e realiza a diversidade que, se compartilhada com os/as outros/as, pode se tornar, por si só, fonte de riqueza para cada um/uma. O livro pareceu o instrumento mais adequado para transmitir ideias, significados e linguagens com crianças pequenas, uma vez que representa uma fonte de brincadeira, um veículo para satisfazer a curiosidade.

Foi escolhido o livro ilustrado *Diversi amici diversi* (LIBERTINI, 2002), que narra a história de cinco maçãs diferentes entre si; colocando juntas as suas diversidades e encontrando outros frutos, descobrem que podem realizar um projeto comum, sem que nenhuma fique prejudicada; de modo que desse encontro possa nascer um enriquecimento recíproco. Os textos dos livros são em italiano e em outras línguas (francês, inglês, chinês).

O projeto, realizado após a organização do ambiente, durou três meses e se desenvolveu em parte nos espaços da creche e em parte em lugares externos, como no pomar, na biblioteca e em algumas frutarias.

Objetivos gerais do projeto

- Focar a atenção em uma questão como a intercultura, que envolve também a creche.
- Compartilhar junto às crianças e às famílias a experiência educativa.
- Centrar a atenção no papel e na responsabilidade do/da adulto/a em promover o tema da diversidade como enriquecimento.

-

Objetivos de aprendizagem para as crianças

- A escuta
- A construção conjunta
- O respeito ao outro

-

Objetivos com as famílias

- O encontro com a possibilidade de troca recíproca
- O diálogo
- A construção conjunta

Atividades desenvolvidas

- Leitura do livro para pequenos grupos/turmas
- Oficinas com as crianças em pequenos grupos/turmas
- Oficinas com as famílias
- Sinergia com o território

Modalidades

- Leitura do livro com as crianças e em pequenos grupos
- Leitura do livro com as crianças e os/as pais/mães.
- Oficinas inerentes ao livro
- Coleta das observações e documentação do percurso da experiência

Instrumentos de documentação

- Máquina fotográfica
- Telecâmera
- Observações: papel e lápis.

Oficinas com as crianças por grupos homogêneos de idade

- Preparar e experimentar uma salada de fruta
- Preparar e experimentar um suco de limão
- Preparar e experimentar uma vitamina de fruta
- Preparar pequenas tortas de frutas para levar para casa e compartilhar com a própria família
- Preparar e experimentar marmeladas com fruta
- Oficina de cor: as cores das frutas

Oficinas com as famílias

- Autoapresentação dos/as pais/mães e narração das tradições dos seus países de origem.
- Transcrição de uma receita em língua original ou em dialeto e em língua italiana.
- Encadernação de todas as receitas para a construção de um receituário.

Atividades acerca do território

- Ida com as crianças ao verdureiro para comprar as frutas.
- Ida à biblioteca para procurar livros de frutas e suas cores.
- Saída com as crianças para a zona rural, para observar as árvores com frutos.

No Município de *Montelupo*, ocorre, no mês de junho, durante a Festa da Cerâmica, instalação de uma banca para divulgar o receituário elaborado.

Topazio e pesce: uma experiência contínua 0-6

Trata-se de uma experiência que envolveu as crianças dos dois aos três anos da Creche “A Pipa”, e as crianças de três anos da pré-escola “Don Milani”, no Município de Montespertoli. Esses dois serviços educativos para a primeira infância estão situados em dois edifícios adjacentes e ligados entre si, o que torna mais fácil a possibilidade de programar percursos comuns em continuidade.

As crianças presentes nos dois serviços eram na maioria italianas, mas com uma certa presença de crianças com *background* cultural migratório, de modo particular na Pré-escola. As educadoras, depois de terem feito um curso de formação, identificaram que a leitura é uma ferramenta transversal, capaz de envolver crianças de diferentes idades e de estimular o desenvolvimento da imaginação e a capacidade de escutar e de troca. Por meio da compreensão da história e das imagens, é possível veicular conteúdos que, frequentemente, somente com as palavras poderiam resultar bem mais complexos e pouco adequados para a idade das crianças. Foi selecionado como livro ilustrado mais apropriado *Topazio e pesce* (SEROFILLI; BENEVELLI, 2005), que, pela simplicidade, clareza e eficácia das imagens, permite introduzir o tema da diversidade e de valorizá-lo com imagens e conteúdos familiares apropriados às crianças. Em síntese, o livro narra a história de um rato e de um peixe que desejam se encontrar, embora vivam em ambientes diferentes: *Topazio* vive na terra, *Pesce* no mar: encontrar-se é difícil, mas *Topazio* tem uma ideia e o peixe concorda. A disponibilidade para escutar é o primeiro passo para permitir a criação de uma relação autêntica e enriquecedora, enquanto se cria um ambiente comum, uma ponte que permite a aproximação de um com o outro. *Topazio* tem uma ideia e corre para casa. Sobre a mesa tem uma flor, num vaso transparente. *Topazio* tira a flor e convida o peixe para entrar. Em torno da leitura do livro foi idealizado um percurso que previa um encontro entre as crianças da creche, que se transformam em Os Peixinhos (com disfarce de peixe), e aqueles da Pré-Escola, os Topazi (disfarçados de ratos), e visitas recíprocas aos respectivos ambientes, equipados para representar o mar e a terra. Os

dois mundos se encontram "- Agradeço, Peixe, você me fez conhecer um mundo maravilhoso! - maravilhoso como o teu, responde o Pesce. Parecia impossível conhecer-nos, mas nós conseguimos "-.

Objetivo geral do projeto:

- A valorização da diversidade, relacionada às identidades de origem, seja de idade ou do contexto educativo entre as crianças da creche e da pré-escola.

Atividades desenvolvidas em comum entre creche e pré-escola:

- Leitura do texto em pequenos grupos para favorecer o escutar e a compreensão das crianças.
- Construção dos dois ambientes, o mar e a terra, onde vivem os dois personagens, durante três encontros, quando as crianças da creche visitam a pré-escola para trabalharem juntas.

Técnicas utilizadas:

- Pintura
- Colagem
- Retalho
- Desenho
- Manipulação
- Dramatização

Espaços utilizados:

- A dramatização desenvolveu-se nos espaços de ambos os serviços; o ambiente do mar foi montado na parte interna da sala de movimento da creche, enquanto o ambiente terra no salão da pré-escola.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Para educar na perspectiva intercultural é necessário superar a visão monocultural baseada na assimilação de quem vem a ser considerado diverso. Uma visão que imperou por séculos, permeando nosso interior cultural e que ainda hoje tem dificuldade de deixar o campo para uma visão mais aberta e dialógica das relações entre os povos e a cultura. A educação na perspectiva intercultural é um percurso por etapas, cujas experiências realizadas devem ser aperfeiçoadas e ampliadas de ano a ano, considerando a realidade na qual se desenvolvem, as mudanças no contexto social em que a creche e a pré-escola estão inseridas. É necessário considerar as transformações sociais sempre mais rápidas e a

interdependência planetária que hoje diz respeito a todos nós. Nesta ótica, a valorização da diferença e da semelhança deve ser abordada a partir de como se manifestam nas crianças e nas famílias, segundo uma abordagem que não altere as práticas educativas experimentadas, mas que as adequa à luz da nova realidade.

Das experiências acima descritas, evidencia-se que o livro é um ótimo instrumento para educar as relações entre as culturas desde a mais tenra idade. A escolha do livro para utilizar com as crianças é muito importante e educadores/as e professores/as são acompanhados por meio de uma formação específica para identificação daqueles mais eficazes. Nem todos os livros que abordam o tema da diversidade são adequados para enfrentar o tema da intercultura. Por exemplo, são decididamente inapropriados os livros nos quais são apresentadas crianças de população diversa, com os seus usos e costumes diferentes, realçando as diferenças e negligenciando as semelhanças e as vivências comuns. Livros muito semelhantes contêm imagens estereotipadas de pessoas e lugares. Às vezes há livros que narram experiências inerentes à multiculturalidade das sociedades atuais, mas transmitem mensagens culturalistas, enquanto reapresentam esquemas e imagens obsoletas (os africanos que vivem em cabanas na floresta, em contraposição aos europeus, que vivem na comodidade da cidade e assim por diante). Estes livros reforçam uma ideia das culturas do mundo como universos fechados e separados por barreiras linguísticas e de tradições incomensuráveis, e assim vão em uma direção nitidamente contrária àquela na qual deveria mover-se a educação intercultural. Também os livros para as crianças que apresentam a diversidade, como exceção e uniformidade como a norma são também inadequados. Para educar na intercultura utilizando a leitura é importante que educadores/as e professores/as aprendam a identificar quais podem ser os livros mais adequados a tal finalidade, levando em conta um mercado editorial nacional e internacional, dirigido também às crianças pequenas em crescimento e quais publicações estão disponíveis não só nas bibliotecas e livrarias especializadas, mas também *on-line*.

REFERÊNCIAS

AMBROSINI, Maurizio. **La fatica di integrarsi**: immigrati e lavoro in Italia. Bologna: Jorge Il Mulino, 2001.

BALSAMO, Franca. **Famiglie di migranti**: trasformazioni dei ruoli e mediazione culturale. Roma: Carocci, 2003.

- BEN JELLOUN, Tahar. **Le racisme expliqué à ma fille**. Paris: Seuil, 1997.
- BOLOGNESI, Ivana; DI RIENZO, Adriana; LORENZINI, Stefania; PILERI, Anna. **Di cultura in cultura: esperienze e percorsi interculturali nei nidi d'infanzia**. Milano: Franco Angeli, 2006.
- BOVE, Chiara; SHARMAHD, Nima. Beyond invisibility: welcoming children and families with migrant and refugee background in ECEC settings, **European Early Childhood Education Research Journal**, v. 28, n. 1, p. 1-9, January 2020.
- CAMBI, Franco. **Intercultura: fondamenti pedagogici**. Roma: Carocci, 2001.
- CAMBI, Franco. **Incontro e dialogo: prospettive della pedagogia interculturale**. Roma: Carocci, 2006.
- CATARSI, Enzo; Freschi, Enrica. (org.). **Educazione alla lettura e continuità educativa**. Parma: Junior, 2011.
- COLUCCI, Michele. **Storia dell'immigrazione straniera in Italia: dal 1945 ai nostri giorni**. Roma: Carocci, 2018.
- DALLA ZUANNA, Gianpiero; FARINA, Patrizia; STROZZA, Salvatore. **Nuovi italiani: giovani immigrati cambieranno il nostro paese?** Bologna: Il Mulino, 2009.
- DANIEL, Stanislav; TRIKIC, Zorica; CORTELLESI, Giulia; KERNAN, Margaret. **What Works Guide: ECEC Play Hubs – a first step towards integration**. Leiden: TOY for Inclusion, European Commission, 2018.
- DE CANALE, Barbara. Famiglie immigrate e scuola dell'infanzia: confronto interculturale e intesa progettuale. **Rivista Italiana di Educazione Familiare**, Firenze, v. 10, n. 1, p. 183-189, gennaio-luglio, 2015.
- FAVARO, Graziella. **I bambini migranti: guida pratica per l'accoglienza dei bambini stranieri nelle scuole e nei servizi educativi per l'infanzia**. Firenze: Giunti, 2001.
- FAVARO, Graziella. **A scuola nessuno è straniero**. Firenze: Giunti, 2013.
- FAVARO, Graziella; MANTOVANI, Susanna; MUSATTI, Tullia (org.). **Nello stesso nido: famiglie e bambini stranieri nei servizi educativi**. Milano, Franco Angeli, 2006.
- FIORUCCI, Massimiliano. Rom e Sinti. In: FIORUCCI, Massimiliano; PINTO MINERVA, Franca; PORTERA, Agostino (org.). **Gli alfabeti dell'intercultura**. Pisa: ETS, 2017.p. 569-596.
- FRANCIS, Véronique; PILERI, Anna; BOLOGNESI, Ivana; BIEMMI, Irene; BARBOSA, Valéria. **Colori della pelle e differenze di genere negli albi illustrati: ricerche e prospettive pedagogiche**. Milano: FrancoAngeli, 2018.
- FRESCHI, Enrica. **Il piacere delle storie: per una "didattica" della lettura nel nido e nella scuola dell'infanzia**. Parma: Junior, 2013.

- GAMBA, Alice. **La gestione dei conflitti nel contesto interculturale**: un'indagine nella scuola dell'infanzia. Milano: FrancoAngeli, 2018.
- GUERRA, Monica; LUCIANO, Elena (org.). **Costruire partecipazione**: la relazione tra famiglie e servizi per l'infanzia in una prospettiva interculturale. Parma: Junior, 2014.
- LIBERTINI, Alessandro. **Diversi amici diversi**. Firenze: Fatatrac, 2002.
- MPI (MINISTERO PUBBLICA ISTRUZIONE). **Le trasformazioni della scuola nella società multiculturale**. Roma: MPI, 2001.
- NIGRIS, Elisabetta (org.). **Culture, contesti e linguaggi**. Milano/Torino: Pearson, 2015.
- ONGINI, Vinicio (org.). **Chi vuole fiabe, chi vuole?** Voci e narrazioni di qui e d'altrove. Firenze: Idest, 2002.
- PALLOTTI, Gabriele. L' 'inserimento' dei bambini stranieri: aspetti linguistici e di socializzazione. *In*: FAVARO, Graziella, GENOVESE, Antonio (org.). **Incontri di infanzie**: i bambini dell'immigrazione nei servizi educativi. Bologna: CLUEB, 1996. p. 201-239.
- PAUKER, Kristin, WILLIAMS, Amanda, STEELE, Jennifer R. Children's Racial Categorization in Context. **Child development perspectives**, v. 10, n. 1, p. 33-38, Mar. 2016.
- PINTO MINERVA, Franca. **L'intercultura**. Roma-Bari: Laterza, 2002.
- PORTERA, Agostino. **Manuale di pedagogia interculturale**: risposte educative nella società globale. Roma-Bari: Laterza, 2013.
- PRISCO, Giada. Percorsi al femminile: famiglie ricongiunte e genitorialità migrante. **Rivista Italiana di Educazione Familiare**, Firenze, v. 13, n. 2, p. 193-207, agosto/dicembre, 2018.
- QUEIROLO PALMAS, Luca. **Prove di seconde generazioni**: giovani di origine immigrata tra scuole e spazi urbani. Milano: Franco Angeli, 2006.
- SEROFILLI, Loretta, BENEVELLI, Alberto. **Topazio e Pesce**. Milano: San Paolo, 2005.
- SHARMAHD, Nima. **La relazione tra educatrici e genitori al nido**: aspettative e percezioni reciproche. Pisa: Del Cerro, 2007.
- SILVA, Clara. **Dall'incontro alla relazione**: il rapporto tra scuola e famiglie immigrate. Milano: Unicopli, 2004.
- SILVA, Clara. **L'educazione interculturale**: modelli e percorsi. Seconda edizione riveduta e integrata. Pisa: Del Cerro, 2005 (a).
- SILVA, Clara. Bambini stranieri nelle scuole e nei servizi educativi (1a parte). **Bambini**, Parma, v. XXI, n. 1, p. 41-43, gennaio 2005 (b).

SILVA, Clara. Bambini stranieri nelle scuole e nei servizi educativi (2a parte). **Bambini**, Parma, v. XXI, n. 2, p. 45-47, febbraio 2005 (c).

SILVA, Clara. Famiglie immigrate e educazione dei figli. **Rivista Italiana di Educazione Familiare**, Firenze, v. 1, n. 1, p. 30-36, gennaio-luglio 2006.

SILVA, Clara. **Intercultura e cura educativa nel nido e nella scuola dell'infanzia**. Parma: Edizioni Junior, 2011 (a).

SILVA, Clara. Leggere – prima di leggere – nella prospettiva interculturale. In: CATARSI, E. (org.). **Educazione alla lettura e continuità educativa**. Parma: Junior, 2011 (b). p. 87-100.

SILVA, Clara. La parola nella relazione educativa: un progetto di ricerca/formazione nei contesti educativi 0-6 anni. In: ULIVIERI, S., BINANTI, L., COLAZZO, S., PICCINNO, M. (org.). **Scuola Democrazia Educazione**: formare ad una nuova società della conoscenza e della solidarietà. Lecce: Pensa Multimedia, 2018. p. 89-99.

SILVA, Clara. The professionalization of early childhood education, care educators and pedagogical coordinators: a key issue of adult education. **FORM@RE**, Firenze, v. 19, n. 2, p. 378-392, July 2019 (a).

SILVA, Clara. La qualità pedagogica del sistema di educazione e della cura della prima infanzia (ECEC) in Italia: l'esperienza della Toscana. **Poiésis**, Santa Catarina, v. 13, n. 24, p. 276-294, jul./dez. 2019 (b).

SILVA, Clara. Insegnare e apprendere la lingua seconda nel contesto migratorio: il caso dell'Italia. **Educação**, Santa Maria, v. 44, p. 1-17. publicação contínua 2019 (c).

SILVA, Clara; CASELLI, Paola. A alteridade mora no coração da identidade. Por uma ética pedagógica intercultural. **Currículo sem Fronteiras**, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 248-260, maio/ago. 2017.

SILVA, Clara; CIUCCI, Enrica. **Emozioni e affetti nell'educazione dalla nascita a dieci anni**. Milano: FrancoAngeli, 2020.

TOGNETTI BORDOGNA, Mara (org.). **Ricongiungere la famiglia altrove**: strategie, percorsi, modelli e forme dei ricongiungimenti familiari. Milano: Franco Angeli, 2005.

VANDENBROECK, Michel. Supporting (super) diversity in early childhood settings. In: MILLER, Linda, CAMERON, Claire, DALLI, Carmen, BARBOUR, Nancy (org.). **The Sage handbook of ECEC policy**. London: Sage, 2018. p. 403-417.

ZANFRINI, Laura. **Introduzione alla sociologia delle migrazioni**. Roma-Bari: Laterza, 2016.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

CRIANÇAS COM *BACKGROUND* MIGRATÓRIO NOS SERVIÇOS EDUCATIVOS PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA NA ITÁLIA

Bambine e bambini con background migratorio nei servizi educativi in Italia

Children with Migratory Background in Italian ECEC Services

Clara Maria Silva

Ph. D, Professora Associada
Dipartimento Formazione, Lingue, Intercultura, Letterature, Psicologia
Università di Firenze,
Firenze, Itália
clara.silva@unifi.it

 <https://orcid.org/0000-0003-4212-5648>

Tradução **Ana Maria Orlandina Tancredi Carvalho**

Doutora em Educação
Instituto de Ciências da Educação
Universidade Federal do Pará
Belém, Brasil

anatanc@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-7281-4722>

Endereço de correspondência do principal autor

Via Laura 48, 50121 - Firenze, Italia.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: C M. Silva.

Coleta de dados: C M. Silva.

Análise de dados: C M. Silva.

Discussão dos resultados: C M. Silva.

Revisão e aprovação: C M. Silva.

Tradução: A. M. O. T. Carvalho

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 29-01-2021 – Aprovado em: 31-01-2021